

Passagens



Passagens. Revista Internacional de História
Política e Cultura Jurídica

E-ISSN: 1984-2503

historiadodireito@historia.uf.br

Universidade Federal Fluminense
Brasil

Barcelos Ribeiro da Silva, Ana Paula; Pinto Pereira, Aline
TENSÕES, ESCOLHAS E EXPECTATIVAS: IDEIAS POLÍTICAS E CONTEXTO HISTÓRICO E
SOCIAL A PARTIR DE TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS
Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, vol. 5, núm. 2, mayo-agosto,
2013, pp. 286-306
Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337327391007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**TENSÕES, ESCOLHAS E EXPECTATIVAS: IDEIAS POLÍTICAS E CONTEXTO
HISTÓRICO E SOCIAL A PARTIR DE TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS**

**TENSIONES, ELECCIONES Y EXPECTATIVAS: IDEAS POLÍTICAS Y CONTEXTO
HISTÓRICO Y SOCIAL A PARTIR DE TRAYECTORIAS INDIVIDUALES**

**TENSIONS, CHOICES AND EXPECTATIONS: POLITICAL IDEAS AND THEIR
HISTORICAL AND SOCIAL CONTEXT ACCORDING TO INDIVIDUAL TRAJECTORIES**

**TENSIONS, CHOIX ET EXPECTATIVES : IDÉES POLITIQUES ET CONTEXTE HISTORIQUE
ET SOCIAL À PARTIR DE TRAJECTOIRES INDIVIDUELLES**

弛张，选择和预期：个体轨迹，政治理念，历史和社会背景

DOI: 10.5533/1984-2503-20135206

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva¹

Aline Pinto Pereira²

RESUMO

Neste artigo objetivamos refletir acerca das contribuições da análise de trajetórias individuais para a escrita da história. Neste sentido, pensamos as possibilidades teóricas e metodológicas construídas por esta perspectiva, bem como listamos alguns autores brasileiros e estrangeiros que a adotaram. Além disto, percebemos os conflitos e tensões que envolvem o pensamento de sujeitos históricos individuais como forma de problematização do estudo de determinados contextos históricos e sociais. A relação entre experiências e expectativas, entre passado, presente e prognósticos de futuro também surge como importante enfoque ao se tratar da maneira como o indivíduo

¹ Doutora em História Social pelo PPGH/UFF (Universidade Federal Fluminense). Professora Adjunta de História do Brasil da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FFP. anapaulabarcelos@gmail.com.

² Doutora em História Social pelo PPGH/UFF (2012). Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2002) e em História (Licenciatura e Bacharelado) pela UFF (2004). Mestre em História Social pela UFF (2007). E-mail: alineppereira@yahoo.com.br

percebe seu tempo e age sobre ele. Realizamos, assim, alguns apontamentos sobre o encontro dos indivíduos com os problemas do seu tempo.

Palavras-chave: trajetórias individuais; contextos históricos e sociais; experiências e expectativas.

RESUMEN

En este artículo objetivamos pensar a cerca de las contribuciones del análisis de trayectorias individuales para la escritura de la historia. En este sentido, pensamos las posibilidades teóricas y metodológicas construidas por esta perspectiva, así como relacionamos algunos autores brasileños y extranjeros que la adoptaron. Además, percibimos los conflictos y tensiones que envuelven el pensamiento de los sujetos históricos individuales como forma de problematización del estudio de determinados contextos históricos y sociales. La relación entre experiencias y expectativas, entre pasado, presente y pronósticos de futuro también surge como importante enfoque cuando se trata de la manera como el individuo percibe su tiempo y actúa sobre él. Realizamos, así, algunos apuntes sobre el encuentro de los individuos con los problemas de su tiempo.

Palabras clave: trayectorias individuales; contextos históricos y sociales; experiencias y expectativas.

ABSTRACT

In this article we aim to reflect on the contribution of the analysis of individual trajectories to the writing of history. We therefore consider the theoretical and methodological approaches formed based on this perspective and list some of the Brazilian and foreign authors to have adopted it. We also reflect on the conflicts and tensions to emerge from a consideration of individual historical subjects as a form of problematising the study of certain historical and social contexts. The relationship between experiences and expectations and between past, present and future forecasts also emerges as an important focus when examining how the individual perceives their time and acts upon it. We therefore also reflect on the encounter between individuals and the problems of their time.

Key words: individual trajectories; historical and social contexts; experiences and expectations.

RÉSUMÉ

Nous chercherons dans cet article à réfléchir sur les contributions de l'analyse de trajectoires individuelles pour l'écriture de l'histoire. Nous étudierons donc les possibilités théoriques et méthodologiques offertes par cette perspective. Nous répertorierons également certains des auteurs brésiliens et étrangers l'ayant adoptée. En outre, nous envisagerons les conflits et tensions entourant la pensée de sujets historiques individuels dans le but d'enrichir l'analyse de contextes historiques et sociaux donnés. Les relations entre expériences et attentes, entre passé, présent et perspectives d'avenir, constituent également une approche de choix, en ce qu'elles nous montrent la façon dont l'individu perçoit son temps et agit sur lui. Nous élaborerons ainsi quelques propositions quant aux rapports des individus avec les problèmes de leur époque.

Mots-clés: Trajectoires individuelles, Contextes historiques et sociaux, Expériences et attentes.

提要

本论文探讨关于个体人生轨迹分析在历史研究中的作用和对历史研究中的影响。探讨个体人生轨迹分析法的理论和方法，解读有关此方面的巴西国内外的历史学家论述。通过研究，发现研究主体的思想，冲突张力，与具体历史和社会背景之间有复杂的关系。主体的阅历，预期，对过去，现在和未来的掌握，都取决于个人对所处时代的感知和由此引发的行为。本论文展示研究主体个体在其时代面临的问题上的选项。

关键词：个体轨迹，社会历史，阅历和预期。

Nas últimas décadas, muitos historiadores partiram de trajetórias individuais para pensar questões políticas, econômicas, sociais, culturais e ideológicas de diferentes épocas. Analisar não apenas suas escolhas, pensamentos e ações políticas, mas, ao mesmo tempo, suas redes de sociabilidade, relações familiares, políticas e profissionais contribuiu para complexificar o pensamento político de determinados atores sociais e suas respostas aos desafios do seu tempo. A opção pelo trabalho com trajetórias individuais têm ainda contribuído para descortinar as tensões e conflitos presentes nas ideias e escolhas destes indivíduos, buscando dar-lhes voz ativa na história e compreender seu processo de inserção social. Escolhas nem sempre coerentes ou previsíveis, mas muitas vezes compreensíveis se levadas em consideração suas relações com os problemas

conjunturais que os envolvem. Assim, por uma via de mão-dupla, estes indivíduos dialogam com seu presente e as múltiplas possibilidades que nele se apresentam seguindo caminhos não raramente ambíguos e inesperados. Isto permite que tomemos suas atitudes em diferentes enfoques, compreendendo-as como estratégias de sobrevivência ou ainda como motivações individuais (profissionais, sociais, econômicas...) imbricadas por redes de sociabilidade.

Neste sentido, os estudos sobre trajetórias individuais e redes de sociabilidade oferecem janelas de reflexão para diferentes temas como relações de alteridade, construção de identidades, expectativas individuais presentes e futuras; além de problemas evidentemente relacionados aos contextos históricos e sociais, problematizando-se questões macropolíticas por meio de um enfoque particular. Estas são as principais questões que abordamos neste artigo no qual elaboramos algumas reflexões sobre a contribuição dos estudos de trajetórias individuais para o campo historiográfico brasileiro. Traremos para o debate alguns trabalhos referenciais neste sentido. Procuraremos ainda aprofundar um pouco mais nas temáticas que acreditamos poderem ser desenvolvidas a partir desta perspectiva, sobretudo no que tange ao estudo das trajetórias de intelectuais brasileiros, compreendendo que tal abordagem nos permite ainda pensar o papel do indivíduo frente ao debate que envolve a escrita da história (história e verdade; história e narrativa; por exemplo)³.

Utilizados como forma de legitimar, e muitas vezes heroicizar, personagens históricos (líderes, imperadores, generais, entre outros), sobretudo através de uma perspectiva empirista-positivista no final do século XIX e início do século XX, os estudos biográficos sofreram, a partir dos anos 1980, uma releitura que envolve novas abordagens teóricas e metodológicas. A chamada micro-história, desenvolvida pelos historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi trouxe para o campo historiográfico uma renovação metodológica que ofereceu espaço para a análise de particularidades, acontecimentos e indivíduos que contribuiriam para esclarecer aspectos obscurecidos por recortes mais amplos, estruturais e seriais. Definida por Levi como uma “prática

³ Burke, Peter (1992). *A escrita da História: novas perspectivas*, SP: UNESP; Barros, José D'Assunção (2011). *Teoria da História, volume IV: Acordes Historiográficos: uma nova proposta para a Teoria da História*, 1. ed, Petrópolis, RJ: Vozes.

*historiográfica*⁴, a micro-história seria caracterizada acima de tudo por seu método relacionado “aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho do historiador”⁵ e não necessariamente pelas “microdimensões de seu objeto de estudo”⁶. Assim, ela seria “essencialmente baseada na escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”⁷. Seria possível pensar os significados assumidos pelo particular e pelo individual em contextos específicos, revelando-se contradições somente percebidas quando reduzida a escala de análise.

Conjugada com um olhar voltado para os detalhes e indícios, defendidos por Ginzburg ao nomear o método indiciário⁸, a micro-história formulou ainda a crítica ao relativismo. Crítica em especial àquele que em tudo vê ficção, eliminando por inteiro qualquer possibilidade de alcance da verdade na história. Neste embate, Ginzburg se opôs a Hayden White e focalizou na análise detalhada de fontes que funcionariam como provas para o trabalho do historiador⁹. Esta disputa hoje praticamente superada marcou o campo na década de 1980 e trouxe consequências para os estudos históricos. Aqui o cotidiano e os chamados homens comuns¹⁰ ganharam destaque como forma de enfatizar aquilo que foge à história oficial e a uma perspectiva macropolítica. A escala e o paradigma são alterados com reflexos políticos para uma visão de história direcionada às classes populares e a acontecimentos antes percebidos como irrelevantes. Apesar de criticada por muitos, esta visão galgou importante espaço na historiografia refletindo-se no trabalho dos historiadores brasileiros, inclusive, o que mais nos interessa, nos estudos de trajetórias individuais. Vale mencionar ainda a proposta de micro-histórica apresentada por Jacques Revel, que não se reveste em uma contraposição imediata à história total¹¹.

⁴ Levi, Giovanni (1992). “Sobre a micro-história”. In Burke, P. (1992). Op. Cit, p. 133.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem, p. 136.

⁸ Sobre o método indiciário, ver: Ginzburg, Carlo (1989). “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, SP: Companhia das Letras, p. 143-179.

⁹ Carlo Ginzburg se opõe a um relativismo céptico ao qual aderiram muitos historiadores na luta contra o positivismo. Para ele, os fatos existem e não se pode desacreditar disto, o relativo são os diferentes significados que a eles são conferidos. Sobre este debate, ver: Ginzburg, Carlo (2002). *Relações de força: história, retórica, prova*, SP: Companhia das Letras. Em especial, “Introdução” (p. 13-45).

¹⁰ Dentre as possibilidades abertas pela Nova História, na qual se insere a micro-história, também está a chamada história vista de baixo onde grupos sociais diversos se tornaram objetos de estudo dos historiadores. Dentre os autores que produziram textos neste sentido estão o já citado Carlo Ginzburg, Peter Burke, Emmanuel Le Roy Ladurie e Edward Thompson. Sobre esta perspectiva, ver: Sharpe, Jim (1992). “A história vista de baixo”. In Burke, P. (1992). Op. Cit, p. 39-62.

¹¹ Revel, Jacques (Org.) (1998). *Jogos de escala: a experiência da micro-história*, RJ: FGV.

Ela se opõe à reação totalizadora que deixa de enxergar aspectos importantes nos atores sociais, nas biografias e na escala micro. Mudar de escala é mais do que mudar o tamanho do mapa. É proceder com uma análise específica que pode revelar diferentes nuances, sobretudo porque o individual não é contraditório com o social.

Vinculados ou não à micro-história, mas certamente influenciados pela mudança de paradigma e pelas novas possibilidades metodológicas introduzidas pela Nova História, que teve em Jacques Le Goff um dos seus principais representantes, estes historiadores brasileiros trouxeram para a cena política indivíduos antes ignorados ou pouco trabalhados, além de produzirem a releitura de outros frequentemente mitificados e heroicizados. Neste sentido, Elciene Azevedo¹² publicou livro sobre a trajetória de Luiz Gama, filho de uma escrava livre e um fidalgo português nascido em Salvador em 1832. Criado como escravo, vendido pelo pai aos 10 anos, Gama foi morar em São Paulo onde, após conseguir a liberdade, se tornou um abolicionista radical com importante atuação na defesa de escravos e ex-escravos. Com tema semelhante, Keila Grinberg¹³ escreveu sobre Antonio Pereira Rebouças, nascido também na Bahia em 1798. Mulato, fruto das classes populares, Rebouças se tornou advogado (especialista em direito civil), parlamentar, ativista pela independência na Bahia e conselheiro do Imperador. Esta trajetória de ascensão social é analisada pela autora que, através dela, pretende compreender o mundo dos advogados no século XIX com suas ligações políticas e envolvimento nos debates do seu tempo.

Além destes trabalhos, podemos citar o de Júnia Furtado¹⁴ sobre Chica da Silva, onde são analisados os mitos construídos em torno da ex-escrava amasiada com um dos homens mais poderosos de Diamantina e, conseqüentemente, as relações inter-raciais no século XVIII no Brasil. Neste ínterim, também citamos os livros de Sidney Chalhoub¹⁵ que refletiu acerca da resistência à Lei do Ventre Livre (1871) a partir da análise de Machado de Assis como funcionário público (chefe da Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura entre meados de 1870 e o final da década de 1880); Maria Lúcia Pallares-

¹² Azevedo, Elciene (1999). *Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*, SP: Unicamp.

¹³ Grinberg, Keila (2002). *O Fiador dos Brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*, RJ: Civilização Brasileira.

¹⁴ Furtado, Júnia Ferreira (2003). *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*, SP: Companhia das Letras.

¹⁵ Chalhoub, Sidney (2003). *Machado de Assis Historiador*, SP: Companhia das Letras.

Burke¹⁶ que propõe o estudo do processo de formação do pensamento de Gilberto Freyre, com ênfase em sua passagem pelos Estados Unidos e a absorção de ideias anglo-americanas na compreensão da sociedade brasileira; Joseli Mendonça¹⁷ sobre a atuação republicana de Evaristo de Moraes – este também estudado por Ana Paula Barcelos¹⁸ com ênfase em sua defesa da pobreza urbana no Rio de Janeiro na passagem à modernidade; além da coletânea organizada por Guilherme Pereira das Neves, Ronaldo Vainfas e Georgina Santos¹⁹ onde são trabalhadas trajetórias individuais para pensar o império português entre os séculos XVI e XIX.

Tereza Cristina Kirschner dedicou-se ao estudo sobre José da Silva Lisboa, demonstrando que, fosse como publicista, deputado constituinte ou senador do Império, suas contribuições políticas e intelectuais difundiam um dado projeto de Império do Brasil²⁰. Márcia de Almeida Gonçalves analisou o percurso daquele que é um dos mais renomados biógrafos brasileiros, Octávio Tarquínio de Sousa, afirmando que este se valeu das atuações de seus biografados como homens públicos, dirigentes governamentais, para humanizá-los em função de suas virtudes e defeitos²¹. Por não ter tido medo de expor as contradições das figuras que biografou, Márcia Gonçalves afirma que Octávio Tarquínio de Sousa soube, em seu tempo, dar uma dimensão moderna à biografia, na medida em que rejeitou a perspectiva de tratar os indivíduos como “*estátuas de mármore esculpidas pelos panegíricos e pelos elogios fúnebres*”²². Vale mencionar ainda que, ciente da revitalização dos estudos biográficos, o mercado editorial tem investido em coleções, principalmente nesta década, que objetivam rediscutir e analisar, com novo prisma historiográfico, a inserção política e social de diferentes atores, como

¹⁶ Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia (2005). *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, SP: HUCITEC.

¹⁷ Mendonça, Joseli Maria Nunes (2007). *Evaristo de Moraes, tribuno da República*, Campinas: Unicamp.

¹⁸ Barcelos, Ana Paula (2011). *Discurso jurídico e (des)qualificação moral e ideológica da pobreza urbana (1871-1939)*, RJ: Multifoco. Da autora, ver também: Barcelos, Ana Paula ((2010). “Fidelino Figueiredo e Jônatas Serrano. Pensamento Católico e Radicalização Política na Década de 1930. Algumas reflexões”, in *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro: vol. 2 no.4, maio-agosto 2010, p. 39-66.

¹⁹ Vainfas, Ronaldo; Santos, Georgina Silva dos; Neves, Guilherme Pereira das (Orgs.) (2006). *Retratos do Império: trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI e XIX*, Niterói: EdUFF.

²⁰ Kirschner, Tereza Cristina (2009). *José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu: itinerários de um ilustrado luso-brasileiro*, SP: Alameda.

²¹ Gonçalves, Márcia de Almeida (2009). *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*, RJ: EDUERJ.

²² Ibidem, p. 204.

homens de seu tempo. Este é o caso, por exemplo, da coleção “Pensadores do Brasil”, organizada por vários autores que discutem as trajetórias individuais de homens como Hipólito José da Costa, José Bonifácio de Andrada e Silva, Frei Caneca, Marquês de São Vicente e Bernardo Pereira de Vasconcelos, para citar alguns.

Neste debate, mulatos, escravos, trabalhadores urbanos, mulheres, operários, camponeses, membros das classes populares em geral, entre muitos outros grupos, foram percebidos como atores sociais, sujeitos históricos cujas ações permitem importantes análises políticas e ideológicas de suas épocas. Os próprios membros da classe dominante, políticos, diplomatas, intelectuais e autoridades instituídas tiveram suas trajetórias relidas de forma a se tornarem janelas de reflexão para os códigos, ritos, mitos e símbolos de uma determinada sociedade. Assim, as particularidades possibilitam a compreensão de questões históricas mais amplas; valores, ideias e costumes melhor identificados quando reduzida a escala de análise. Ao trabalhar a trajetória do rei Luís IX, o São Luís, Jacques Le Goff²³ enfatiza ser a história do rei seu objetivo fundamental. Contudo, para pensar Luís IX e a construção de sua memória, o historiador perpassa os valores inscritos no imaginário feudal que auxiliam no entendimento das ações do rei e santo e no olhar dos seus contemporâneos sobre ele. Surge aqui um rico panorama do século XIII que inclui ideias em torno do casamento, da religião, da cavalaria, da família, da criança, da mulher, da morte e da relação entre rei e súditos. Com esta abrangência, a biografia descortina uma série de problemas políticos, históricos e sociais.

Cabe lembrar a necessidade de se perceber nas trajetórias individuais as tensões e os conflitos (políticos, ideológicos, pessoais...) que as envolvem. Afinal, diante das escolhas e decisões que lhes são exigidas os indivíduos seguem caminhos muitas vezes imprevisíveis e inesperados; caminhos aparentemente incompatíveis com posicionamentos anteriormente assumidos. Giovanni Levi²⁴ chama atenção para a preocupante construção de uma coerência interna não condizente com as trajetórias individuais. Processo que omitiria as ambiguidades e as dúvidas nelas presentes. Para Levi, é importante considerar as brechas construídas pelos sujeitos históricos diante dos sistemas normativos, sendo possível, deste modo, perceber suas próprias contradições.

²³ Le Goff, Jacques (1999). *São Luís: biografia*, RJ: Record.

²⁴ Levi, Giovanni (1998). “Usos da biografia”. In Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes. (Orgs.) (1998). *Usos e abusos da história oral*, RJ: FGV, p. 167-182.

De acordo com o autor italiano, “*não se pode analisar a mudança social sem que se reconheça previamente a existência irreduzível de certa liberdade vis-à-vis as formas rígidas e as origens de reprodução das estruturas de dominação*”²⁵.

São estas brechas que viabilizam a ascensão social e a conquista de reconhecimento e legitimidade por indivíduos mulatos e pobres em sociedades excludentes como a brasileira, a exemplo do que ocorreu com Luiz Gama, Antonio Pereira Rebouças, Evaristo de Moraes e Machado de Assis – personagens já referidos neste artigo. Neste sentido, Levi considera a biografia como de grande utilidade na relação entre sistemas normativos e liberdade de ação, escolhas individuais e contextos históricos e sociais, desde que o historiador fuja à coerência, à estabilidade e às certezas que tendem a seduzi-lo. É este o percurso que busca traçar em seu livro *A herança imaterial*²⁶ no qual analisa a trajetória do padre exorcista Giovan Chiesa como janela de reflexão para as relações centro/periferia, a organização hierárquica do Antigo Regime, além das normas sociais e econômicas do Piemonte no século XVII. É importante ainda mencionar que, percebendo a validade da análise destas ambiguidades presentes na biografia, evitamos que ela se torne uma “ilusão”, conforme orientação de Pierre Bourdieu em artigo publicado no Brasil nos anos 1990. Assim, o historiador não se deixaria “iludir” por um relato ou uma sequência de acontecimentos coerentes e bem direcionados. Afinal, não há praticamente nenhuma constância na trajetória e no pensamento de um indivíduo. Nas palavras de Bourdieu:

*Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre diferentes estações. [...] O que equivale dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis*²⁷.

²⁵ Ibidem, p. 180.

²⁶ Levi, Giovanni (2000). *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, RJ: Civilização Brasileira.

²⁷ Bourdieu, Pierre (1998). “A ilusão biográfica”. In Amado, J.; Ferreira, M. de M. (Orgs.) (1998). Op. Cit, p. 189-190.

Enfatizamos que na sociedade brasileira este aspecto adquire particular relevância em razão do encontro e das tensões entre perspectivas ideológicas aparentemente opostas, mas sintonizadas com as expectativas da classe dominante. Sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, quando a imigração acentuada traz uma profusão de ideias estrangeiras que se misturam ao paternalismo e ao clientelismo, estes conflitos se tornaram evidentes. Aos poucos o liberalismo prevalece como orientação ideológica do Estado burguês, processo que tem seu auge com a instauração do governo republicano a partir de 1889. Assim, ideias liberais e patriarcais se encontram complexificando a realidade e as escolhas individuais diante dela. Em seu conhecido texto “As ideias fora do lugar”²⁸, Roberto Schwarz defende que este encontro entre modernização liberal e paternalismo confere à sociedade brasileira uma suposta transposição de ideias da realidade europeia, social e historicamente tão diferenciada. Daí que elas estivessem “fora do lugar”. Para Gisálio Cerqueira Filho, que procura analisar dialeticamente a questão, estas ideias se encontravam “(des)ajustadas à realidade social”²⁹, mas continham muitos aspectos a ela pertinentes. Havia, deste modo, uma constante tensão entre características condizentes e não condizentes com a sociedade brasileira da passagem à modernidade.

Não apenas os encontros e desencontros entre liberalismo e paternalismo constituíam a sociedade brasileira, mas também entre liberalismo e conservadorismo, tradição e modernidade, religião e pensamento laico, entre outros, serviram (e ainda servem) de desafio para os que objetivam compreendê-la. Muitos políticos e intelectuais se viram envolvidos nos dilemas dele oriundos. Um dos mais conhecidos, Joaquim Nabuco, foi estudado por Gizlene Neder ao apontar o quão conservador acaba sendo o liberalismo no Brasil, em meio às tensões e contradições já apontadas. Invocado pela classe dominante em momentos de crise, assume uma faceta bastante moderada. Segundo a autora, o próprio abolicionismo era informado por um liberalismo de corte moderado, o que incluiria a atuação de Nabuco. Passada a abolição, ou seja, a crise, “o liberalismo recolheu-se por não ter força, abrindo espaço para o reforço do autoritarismo,

²⁸ Schwarz, Roberto (1977). “As idéias fora do lugar”. In *Ao Vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, SP: Duas Cidades.

²⁹ Cerqueira Filho, Gisálio (1988). *Análise Social da Ideologia*, SP: EPU, p. 45.

que a descentralização republicana não conseguira descartar³⁰. As tensões que nos esforçamos em destacar e o exemplo de Joaquim Nabuco, estudado por Gizlene Neder, ilustram a cautela exigida do historiador ao analisar as trajetórias de indivíduos inseridos na realidade social brasileira. Assim como Nabuco, outros importantes personagens históricos brasileiros, entre eles Manoel Bomfim³¹, Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Rui Barbosa³², exemplificam as ambiguidades que envolvem suas opções políticas e ideológicas que, evidentemente, formaram seus pensamentos sobre o Brasil.

Ficam claras, portanto, as possibilidades temáticas, teóricas e metodológicas que se abrem a partir da análise de trajetórias individuais. Conforme buscamos apontar até aqui, o estudo de um indivíduo nos permite ir ao encontro de questões em torno da conquista de reconhecimento e legitimidade, da construção de identidades, das relações entre memória e história, dos conflitos e movimentos sociais, das disputas políticas e de inúmeros outros problemas políticos, econômicos, ideológicos e sociais referentes aos diferentes contextos históricos. Além disto, esta perspectiva abre espaço para um debate bastante atual acerca da relação entre experiências e horizontes de expectativa, ou seja, entre aquilo que o indivíduo vivencia em seu tempo e o que, a partir disto, projeta para o porvir.

³⁰ Neder, Gizlene (1979). *Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil*, RJ: Achiamé, p. 56. Sobre o tema, ver também: Neder, Gizlene e Barcelos Ribeiro da Silva, Ana Paula. "Intelectuais, Circulação de Ideias e Apropriação Cultural. Anotações para uma discussão metodológica", In *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro: vol. 1. no.1, janeiro/julho 2009, p. 29-54 - <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/>

³¹ Sobre Manoel Bomfim, destacamos o trabalho de Flora Sussekind e Roberto Ventura no qual a complexidade do seu pensamento é ressaltada a partir da análise do pensamento crítico ao evolucionismo, mas, ao mesmo tempo, capaz de apropriá-lo na construção de um contradiscurso. Este processo seria evidenciado na elaboração da teoria do parasitismo como explicação da decadência da América Latina, historicamente explorada pelas antigas metrópoles, Portugal e Espanha. A análise do pensamento de Bomfim é aqui fundamental para a demonstração das contradições e ambiguidades inerentes à sociedade brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX. Ver: Sussekind, Flora; Ventura, Roberto (1984). *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*, SP: Moderna.

³² Gilberto Freyre e Rui Barbosa foram alguns dos sujeitos históricos que nos serviram de janelas de reflexão para as questões analisadas em coletânea por nós organizada e recentemente publicada pela Editora da UFF. Os artigos a eles referentes intitulam-se "Clóvis Bevilacqua e Rui Barbosa: biografias e ideias políticas no Brasil na passagem à modernidade" (p. 123-146) e "Nos rastros de 'Ordem, liberdade e mineiridade': trajetórias intelectuais, desqualificação social e suas tensões com a cultura religiosa neotomista no Brasil" (p. 147-167) de autoria, respectivamente, de Fabiana Cardoso Malha Rodrigues e Jefferson de Almeida Pinto. Ver: Pereira, Aline Pinto; Barcelos, Ana Paula (2012). *Trajetoórias individuais e experiências sociais: sociabilidades e ideias políticas no Brasil (1820-1940)*, Niterói: EdUFF.

Neste ponto, destacamos o trabalho de Reinhart Koselleck sobre o assunto. Propondo a análise dos tempos históricos como necessária para o ofício do historiador, Koselleck³³ aponta a existência de um tempo particular, diferente do natural, situado entre o passado e o futuro, ou, em termos antropológicos, entre a experiência e a expectativa, que permitiu ao homem perceber o futuro como inédito e cada vez mais desafiador. Assim, mais do que estudar o passado, caberia ao historiador perceber os horizontes de expectativas e os prognósticos de futuro trazidos à tona por estes indivíduos em seus contextos históricos. Neste sentido, a leitura do passado então desenvolvida, a percepção do presente vivido e as esperanças e projetos elaborados para o futuro encontram-se relacionados originando uma tensão importante na construção do conhecimento histórico e na maneira como cada um concebe a si mesmo e suas ações. Para o autor, a ideia de progresso, fruto do Iluminismo e da Revolução Francesa, descortinou um futuro capaz de ultrapassar o espaço do tradicional, previsível e natural. Com isto, novos prognósticos foram possíveis, bem como a aceleração do tempo o que, a partir do século XVIII, lança também novos olhares sobre as experiências históricas e sociais. Concretizados ou não, estes prognósticos revelam boa parte do posicionamento político e ideológico dos indivíduos em seu presente e auxiliam a compreender suas ações individuais e/ou coletivas. Daí o conceito de “futuro passado” utilizado pelo autor para se referir aquilo que não necessariamente chegou a ser concretizado, mas orientou ou contribuiu para as ações políticas em determinados contextos históricos. Há aqui uma relação de reciprocidade entre presente, passado e futuro; entre experiências e expectativas que incide sobre as escolhas dos indivíduos em seu tempo.

Perceber estes complexos entrelaçamentos temporais é uma forma interessante de abordar as relações entre trajetórias individuais, ideias políticas e contextos históricos e sociais. Esta opção analítica traz contribuições teóricas e metodológicas para a escrita da história na medida em que, além de relativizar a ideia de um tempo natural único, nos permite pensar as diferentes elaborações sofridas pelo passado diante das experiências presentes e das expectativas futuras. Isto influi diretamente na maneira como os indivíduos percebem seu tempo e agem sobre ele. Consciente ou inconscientemente, individual ou coletivamente, é com vistas na construção de um futuro que os indivíduos

³³ Koselleck, Reinhart (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, RJ: Contraponto: Ed. PUC-Rio.

atuam no presente. Ao expor os objetivos do seu livro *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Koselleck, muito voltado para o estudo da linguagem, deixa clara a possibilidade de alcançar este debate a partir dos testemunhos de políticos, filósofos, teólogos, dentre outros sujeitos históricos individuais. Em suas palavras, todos os testemunhos trabalhados no livro “*atestam a maneira como a experiência do passado foi elaborada em uma situação concreta, assim como a maneira pela qual expectativas, esperanças e prognósticos foram trazidos à superfície da linguagem*”³⁴. Aqui o que ganha destaque não é a trajetória do indivíduo, sua biografia, mas sim seu discurso, seu testemunho sobre seu tempo. De todo modo, fica aberta a possibilidade de estudo da história por meio do pensamento, da orientação ideológica, do posicionamento político de um indivíduo, aspectos manifestados em seu discurso e diretamente influenciados pela maneira como experimenta seu presente e produz expectativas sobre o futuro.

Neste sentido, o debate sobre tempos históricos e experiências e expectativas proposto por Koselleck permite problematizar as escolhas individuais até agora tão enfatizadas neste artigo. Escolhas que envolvem prognósticos relacionados às ações políticas. Isto porque o prognóstico que, a partir da virada do século XVIII, vai substituindo a profecia relaciona-se com a situação política. Segundo Koselleck,

*Essa associação se deu de forma tão íntima, que fazer um prognóstico já significava alterar uma determinada situação. O prognóstico é um momento consciente da ação política. Ele está relacionado a eventos cujo ineditismo ele próprio libera. O tempo passa a derivar, então, do próprio prognóstico, de uma maneira continuada e imprevisivelmente previsível.*³⁵

Estes prognósticos realizados por indivíduos ou grupos de indivíduos contribuem amplamente para a maneira como eles agem no presente e para o futuro que irão construir. De acordo com o autor, não há nenhuma história que não tenha sido “*construída mediante as experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem*”³⁶. A experiência tem forte relação com o passado, e é onde “*se fundem tanto a elaboração emocional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais ou não precisam mais estar presentes no conhecimento*”³⁷. É, portanto, não apagar o passado, dando-lhe concretude no presente, lembrando que as

³⁴ Ibidem, p. 15.

³⁵ Ibidem, p. 32.

³⁶ Ibidem, p. 335.

³⁷ Ibidem, p. 313.

experiências não são apreendidas da mesma forma e com a mesma intensidade por todos, bem como não estão imunes às transformações ao longo do tempo. As experiências (acúmulos) são passíveis de transformação, assim como as expectativas (o presente que se projeta no futuro), já que esta última está relacionada aos anseios vindouros, embora nem sempre se concretizem da forma como se imaginou, justamente porque a história é dinâmica. Koselleck afirma que “*não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa*”³⁸, para mostrar como as duas se interpenetram. Explica ainda, tomando os dois conceitos, como eles se relacionam diretamente com a noção de tempo histórico e com a própria concepção que se tem do que é a história³⁹.

É também interessante a abordagem apresentada pelo autor para demonstrar como o termo *horizonte de expectativa* foi associado à concepção que se tem do que é o progresso. De acordo com ele, a relação entre expectativas e progresso só pode ser compreendida se levarmos em consideração as diferenças entre a “*experiência transmitida e a nova expectativa que se manifesta*”⁴⁰ no calor dos novos inventos e das novas possibilidades que advieram com o avanço da modernidade. No contexto do Renascimento Cultural e Científico e das Reformas Religiosas houve uma expansão do entendimento de que novas expectativas precisavam ser criadas, não devendo estar atreladas ao gerenciamento da Igreja, que, para Koselleck, não permitia que o futuro fosse imaginado de forma dissociada de um passado bíblico e maniqueísta⁴¹. O alargamento das expectativas concretizou-se a partir do momento em que o progresso mundano impôs-se como uma condição necessária ao melhoramento da vida dos homens, que, a cada geração reproduzem essa busca constante por um futuro mais

³⁸ Ibidem, p. 307.

³⁹ A preocupação do autor é associar a História às experiências humanas coletivas, rompendo com o entendimento de que o “fazer” do historiador esteja circunscrito somente ao tempo passado e à narrativa. A história é um processo dinâmico que, necessariamente perpassa a compreensão das tensões e conexões existentes entre os tempos históricos. Para uma discussão sobre o conceito de História e Tempo Histórico, ver em especial o capítulo “*Historia magistra vitae – Sobre a dissolução do topos da história moderna em movimento*” (p. 41-60) do já citado livro *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Do mesmo autor, ver também Koselleck, Reinhart (2001). *Los estratos del tiempo; estudios sobre la historia*, Barcelona: Paidós; Montoya, José Edgardo Cal. *Hacia una comprensión provisional del concepto moderno de Historia en Reinhart Koselleck. Perspectivas desde la Historia Conceptual*. Disponível em: <http://www.uca.edu.sv/facultad/chn/c1170/cal3.pdf>. Acesso em: dez. 2012.

⁴⁰ Koselleck, R. (2006). Op. Cit, p. 315.

⁴¹ Ibidem.

promissor, quando os “efeitos previstos no plano ou no prognóstico se transformam em elementos de legitimação da ação política”⁴².

O conceito de progresso (seja o sociopolítico ou o técnico-científico) foi efetivamente criado, de acordo com o Koselleck, ao final do século XVIII⁴³. Para tanto, partiu-se das experiências coletivas e individuais, acumuladas nos três séculos anteriores, como um elemento necessário à transformação mundana e não espiritual ou religiosa⁴⁴. Muito utilizado por Kant, o conceito permitiu que expectativas e experiências fossem concebidas como duas categorias imbricadas, mas principalmente garantiu que o homem ousasse em relação aos seus anseios quanto ao futuro, pois, o novo precisava, de certa forma, ser diferente do velho. De acordo com Koselleck, a Revolução Francesa é um acontecimento que, de forma *sine qua non*, interferiu na percepção do homem em relação as suas experiências e expectativas, ao gerar um choque entre o velho e o novo. Os acontecimentos de 1789 se impuseram como um novo marco temporal, interferindo na forma como os homens passaram a enxergar o seu presente e suas projeções futuras.

Inspirado na análise dos tempos históricos de Koselleck e na história dos conceitos do mesmo Koselleck e de Hans-Ulrich Gumbrecht⁴⁵, o trabalho de Valdei Lopes Araújo sobre o contexto no qual se situa a independência brasileira é um bom exemplo deste debate. Valdei procura pensar a independência como uma experiência moderna, já que representa ruptura com um passado cíclico e previsível. Partindo do pressuposto de que a experiência do tempo é múltipla e variável historicamente, o autor se propõe a “inventariar as formas de lidar com o tempo produzidas por intelectuais do mundo luso-brasileiro na primeira metade do século XIX”⁴⁶. Para isto, na primeira parte do livro, descreve a trajetória política e intelectual de José Bonifácio de Andrada e Silva a fim de pensar a dialética entre o tempo como repetição e o tempo como um problema. Na tentativa de superar a decadência surgiria aqui um projeto moderno de país. Segundo Valdei, José Bonifácio seria um objeto de análise privilegiado em razão da sua sensibilidade “às

⁴² Ibidem, p. 317.

⁴³ Para uma discussão sobre a história dos conceitos, ver: Koselleck, Reinhart (1992). “Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos”. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146.

⁴⁴ Ibidem, p. 318.

⁴⁵ Do autor, ver, por exemplo: Gumbrecht, Hans (1998). *Modernização dos sentidos*, SP: Ed. 34; _____ (1999). *Em 1926, vivendo no limite do tempo*, RJ: Record.

⁴⁶ Araújo, Valdei Lopes (2008). *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*, SP: Hucitec, p. 19.

*transformações sociais e políticas que ocorriam nos dois lados do Atlântico*⁴⁷ e do recorte temporal no qual está situada sua produção intelectual. Assim, por meio de sua trajetória, *“foi possível acompanhar a constituição e esgotamento dos modelos conceituais que permitiram pensar projetos sucessivos de restauração e regeneração de Portugal”*⁴⁸. Na segunda parte, o autor analisa os desafios dos intelectuais do contexto posterior à independência para afirmar a singularidade nacional, o que inclui ações como a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838. Aqui o passado se torna um campo de experiências que, iluminado pelo presente, viabiliza a construção de uma identidade nacional. Assim, sendo uma experiência singular, a independência *“torna-se o marco de uma abertura epistemológica”*⁴⁹ e abre espaço para a percepção da finitude e da construção do moderno. Esta experiência permitiu a construção de expectativas e prognósticos acerca do futuro, unindo presente, passado e futuro em um projeto que envolve a própria preservação da memória e a construção de uma ideia de nação. Escolhas, experiências e expectativas se misturam à análise de trajetórias individuais em uma via de mão-dupla marcada por relações dialéticas, tensões, conflitos e ambiguidades.

Se as trajetórias devem ser reconstruídas a partir da relação que os homens estabelecem com a sociedade, em face de um dado contexto político e econômico, considerando suas experiências e expectativas ao longo do tempo, é preciso que não desprezemos outro dado: a relação entre a escrita da história e a preservação da memória. A emergência da memória é, pois, uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais. Na interpretação de Andréas Huyssen, a rememoração é um dos nossos elos com o passado, podendo, definir nossa compreensão acerca do tempo presente⁵⁰. É um importante objeto de mediação entre passado, presente e futuro. Como indivíduos inseridos em uma sociedade, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma dada expectativa do que está por vir. Segundo Jacques Le Goff, a História, como ciência no tempo, é um componente indispensável de toda atividade temporal⁵¹. Podemos compreendê-la como uma construção intelectual, que

⁴⁷ Ibidem, p. 20.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem, p. 155.

⁵⁰ Huyssen, Andréas (2000). *Seduzidos pela Memória: arquiteturas, monumentos, mídias*, RJ: Aeroplano.

⁵¹ Le Goff, Jacques (1996). *História e Memória*, SP: Unicamp.

indica uma representação seletiva do passado (tempo), que nunca é somente aquela do indivíduo, mas tão somente de um indivíduo (sujeito) plantado num contexto familiar, social, nacional. Segundo Henry Rousso:

[...] seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros⁵².

A memória é a atividade mais elementar do pensamento, uma luta contra a morte e o esquecimento. Ela é um esforço para a contínua conservação da historicidade coletiva. A rigor, a memória possui um aspecto individual – que se refere às vivências e às experiências pessoais – e outro que está intrinsecamente relacionado à memória do grupo social em que o indivíduo foi socializado. Portanto, existe uma partilha, uma troca cultural, ou em outros termos, uma experiência comum de alguns homens que constitui a *memória coletiva ou social* – aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial de uma comunidade ou de uma sociedade mais ampla⁵³. Geralmente é expressa naquilo que chamamos de *lugares da memória*, tais como os monumentos, hinos oficiais, quadros, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade⁵⁴. Segundo Jacques Le Goff, a memória deve ser entendida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”⁵⁵. É, deste modo, construção dos grupos sociais, uma vez que são eles que determinam o que é “memorável” e as formas pelas quais um determinado fato será lembrado. E relaciona-se com a rememoração individual, pois, a memória individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com os quais nos relacionamos. Ela está impregnada das referências e relações que nos cercam, da maneira como percebemos e vemos o que nos envolve no grande emaranhado de experiências durante a vida. Portanto, o processo de construção da memória tem forte contato com o que se pode denominar o “outro”. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o “outro” tem um papel fundamental,

⁵² Rousso, Henry (1998). “A memória não é mais o que era”. In Amado, J.; Ferreira, M. de M. (Org.) (1998). Op. Cit, p. 94-95.

⁵³ Ver: Pollak, Michael (1992). “Memória e Identidade Social”. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

⁵⁴ Ver: Nora, Pierre (1993). “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”. In *Projeto História*, n. 10, p. 7-28.

⁵⁵ Le Goff, J. (1996). Op.Cit, p. 426.

porque contribui de forma relevante para a construção de uma identidade, um sentimento de pertencimento a um passado comum, a um grupo que compartilha memórias⁵⁶.

Partindo destas premissas, consideramos importante reafirmar, antes de concluirmos, que o estudo das trajetórias individuais constitui um relevante campo de abordagem histórica, sobretudo quando temos em mente que existe uma relação de reciprocidade entre o contexto e o biografado, entre a conjuntura social na qual o indivíduo a ser analisado está inserido e a rede de sociabilidade a que ele pertence. Estudos recentes na área têm permitido que retomemos as temáticas da história sob perspectivas mais abrangentes. Novas abordagens têm rompido com antigos paradigmas – circunscritos à História Eclesiástica, aos cânones de uma História Política tradicional, à preservação da memória e à exaltação dos grandes vultos e personalidades de dada época – para oxigenar as análises de trajetórias individuais a partir de sensibilidades e inquietações que partem do micro para o macro, relacionando o indivíduo e a experiência do tempo e descortinando as inegáveis contradições humanas.

Referências

Araújo, Valdei Lopes (2008). *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*, São Paulo: Hucitec.

Azevedo, Elciene (1999). *Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*, São Paulo: Unicamp.

Barcelos, Ana Paula (2011). *Discurso jurídico e (des)qualificação moral e ideológica da pobreza urbana (1871-1939)*, Rio de Janeiro: Multifoco.

_____. (2010). “Fidelino Figueiredo e Jônatas Serrano. Pensamento Católico e Radicalização Política na Década de 1930. Algumas reflexões”, in *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro: vol. 2 no.4, maio-agosto 2010, p. 39-66 - <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/>.

Barros, José D'Assunção (2011). *Teoria da História, volume IV: Acordes Historiográficos: uma nova proposta para a Teoria da História*, 1. ed., Petrópolis, RJ: Vozes.

⁵⁶ Sobre as questões da alteridade e a construção de uma identidade relacionada ao “outro” que nos avalia, ver: Todorov, Tzvetan (1989). *Nous et les autres: La réflexion française sur la diversité humaine*, Paris: Éditions du Seuil.

Bourdieu, Pierre (1998). "A ilusão biográfica". In Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes (Orgs.) (1998). *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro: FGV. p. 189-190.

Burke, Peter (1992). *A escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: UNESP.

Cerqueira Filho, Gisálio (1988). *Análise Social da Ideologia*, São Paulo: EPU.

Chalhoub, Sidney (2003). *Machado de Assis Historiador*, São Paulo: Companhia das Letras.

Furtado, Júnia Ferreira (2003). *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*, São Paulo: Companhia das Letras.

Ginzburg, Carlo (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2002). *Relações de força: história, retórica, prova*, São Paulo: Companhia das Letras.

Gonçalves, Márcia de Almeida (2009). *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*, Rio de Janeiro: EDUERJ.

Grinberg, Keila (2002). *O Fiador dos Brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Gumbrecht, Hans (1998). *Modernização dos sentidos*, São Paulo: Ed. 34.

_____. (1999). *Em 1926, vivendo no limite do tempo*, Rio de Janeiro: Record.

Huyssen, Andréas (2000). *Seduzidos pela Memória: arquiteturas, monumentos, mídias*, Rio de Janeiro: Aeroplano.

Kirschner, Tereza Cristina (2009). *José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu: itinerários de um ilustrado luso- brasileiro*, Rio de Janeiro: Alameda.

Koselleck, Reinhart (1992). "Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos". In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, p. 134-146.

_____. (2001). *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*, Barcelona: Paidós.

_____. (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio.

Le Goff, Jacques (1996). *História e Memória*, São Paulo: Unicamp.

_____. (1999). *São Luís: biografia*, Rio de Janeiro: Record.

Levi, Giovanni (1992). "Sobre a micro-história". In Burke, Peter (1992). *A escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: UNESP, p. 133-161.

____ (1998). "Usos da biografia". In Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes. (Orgs.) (1998). *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro: FGV, p. 167-182.

____ (2000). *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Mendonça, Joseli Maria Nunes (2007). *Evaristo de Moraes, tribuno da República*, Campinas: Unicamp.

Montoya, José Edgardo Cal. *Hacia una comprensión provisional del concepto moderno de Historia en Reinhart Koselleck: Perspectivas desde la Historia Conceptual*. Disponível em: <<http://www.uca.edu.sv/facultad/chn/c1170/cal3.pdf>>. Acesso em: dez. 2012.

Neder, Gizlene (1979). *Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil*, Rio de Janeiro: Achiamé.

____ e Barcelos, Ana Paula (2009). "Intelectuais, Circulação de Ideias e Apropriação Cultural. Anotações para uma discussão metodológica", In *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro: vol. 1. no.1, janeiro/julho, p. 29-54 - <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/>

Nora, Pierre (1993). "Entre a memória e a história: a problemática dos lugares". In *Projeto História*, n. 10, p. 7-28.

Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia (2005). *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, São Paulo: HUCITEC.

Pereira, Aline Pinto; Barcelos, Ana Paula (2012). *Trajetórias individuais e experiências sociais: sociabilidades e ideias políticas no Brasil (1820-1940)*, Niterói: EdUFF.

Pollak, Michael (1992). "Memória e Identidade Social". In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

Revel, Jacques (Org.) (1998). *Jogos de escala: a experiência da micro-história*, Rio de Janeiro: FGV.

Rousso, Henry (1998). "A memória não é mais o que era". In Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes. (Orgs.) (1998). *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro: FGV, p. 93-101.

Schwarz, Roberto (1977). *Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, São Paulo: Duas Cidades.

Sussekkind, Flora; Ventura, Roberto (1984). *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*, São Paulo: Moderna.

Todorov, Tzvetan (1989). *Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine*, Paris: Éditions du Seuil.

Vainfas, Ronaldo; Santos, Georgina Silva dos; Neves, Guilherme Pereira das (Orgs.) (2006). *Retratos do Império: trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI e XIX*, Niterói: EdUFF.

Recebido para publicação em dezembro de 2012.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2013.